

MANUEL JOAQUIM HENRIQUES DE PAIVA: UM LUSO-BRASILEIRO DIVULGADOR DE CIÊNCIA. O CASO PARTICULAR DA VACINAÇÃO CONTRA A VARÍOLA

João Rui Pita

PhD. Professor universitário.

E-mail: jrpita@ci.uc.pt

Vice-Coordenador e Investigador do CEIS20; Professor da Faculdade de Farmácia. Universidade de Coimbra. Portugal

Resumo

Manuel Joaquim Henriques de Paiva é uma figura relevante da medicina e da ciência luso-brasileira, Boticário, bacharel em filosofia e médico, Henriques de Paiva, após uma breve passagem pela Universidade de Coimbra fixou-se em Lisboa para exercer medicina. Muito preocupado com as questões da divulgação do saber médico e científico, preocupado em instruir a população em termos sanitários, Henriques de Paiva legou-nos uma vasta obra escrita que retrata bem essas inquietações. A política não lhe foi indiferente. Participou em diversas iniciativas em Portugal e, compulsivamente, foi para o Brasil onde participou no movimento da independência da antiga colónia portuguesa. É objectivo deste artigo traçar uma breve biografia de Henriques de Paiva, sublinhando a sua faceta de difusor científico, e estuda-se com pormenor a sua obra pioneira na introdução da vacinação em Portugal — o *Preservativo das bexigas*.

Palavras-chave: Manuel Joaquim Henriques de Paiva; varíola; vacinação

Introdução

Manuel Joaquim Henriques de Paiva é uma figura pouco conhecida da história da medicina, da história da farmácia e da história da química portuguesas. Apesar desse desconhecimento ou esquecimento a que tem estado votado, o certo é que foi marcante a sua importância para a vida científica portuguesa do trânsito do século XVIII para o século XIX. Foram algumas as suas obras que tiveram mais do que uma edição e o leque de trabalhos científicos de divulgação do saber médico e científico é notável.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva viveu num período de alterações profundas, científicas e de práticas profissionais. Foi contemporâneo da revolução química de Lavoisier, acompanhou de perto a demonstração da inviabilidade da teoria do flogisto, assistiu ao final da vigência multissecular do galenismo, foi contemporâneo do surgimento de novos modelos de doença, de saúde e de medicamentos (vejam-se por exemplo as doutrinas de Cullen, de Brown e de

Bichat), assistiu à constituição da higiene pública e do seu braço mais visível, a vacinação contra a varíola, descoberta pelo médico britânico Edward Jenner¹.

Fig 01 — Manuel Joaquim Henriques de Paiva



Fonte: Postal editado pela indústria farmacêutica Instituto Pasteur

Henriques de Paiva, para além da química, da botânica e outras áreas científicas, foi o principal divulgador médico e farmacêutico de finais do século XVIII e do início do século XIX. Desempenhou um papel relevante na medicina portuguesa na difusão das ideias médicas, farmacêuticas e químicas em Portugal e, por isso, "estudar a sua obra equivale a fazer uma elucidativa viagem pelo estado da ciência portuguesa em finais do século XVIII e nos primeiros anos do século XIX. A

¹ Cf. Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora", *In Vivo*, 2(4)2001, p. 44.

sua actividade política reflecte, também, as principais preocupações cívicas e políticas do Portugal iluminista, pré-liberal e até liberal"².

A vacinação jenneriana foi, justamente, um dos objectos que mereceu a atenção de Manuel Joaquim Henriques de Paiva através da publicação da obra *Preservativo das Bexigas e dos Terríveis estragos ou Historia da Origem e Descobrimto da Vaccina, dos seus Efeitos ou Symptomas, e do Methodo de Fazer a Vaccinação &c.*, datada de 1801 e que teve segunda edição em 1806³.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva: entre o Brasil e Portugal

Manuel Joaquim Henriques de Paiva nasceu em Castelo Branco, Portugal, em 1752. As suas raízes familiares ligam-no a uma tradição científica e médica. Seu Pai era cirurgião e boticário, cristão-novo. Sua Mãe era descendente de um boticário chamado João Henriques. Alguns historiadores dizem existir uma relação de parentesco entre Manuel Joaquim Henriques de Paiva e António Nunes Ribeiro Sanches — o famoso Ribeiro Sanches, médico na Rússia e em Paris, descendente de Hermann Boerhaave, figura cimeira da medicina portuguesa conhecido dentro e fora das fronteiras nacionais⁴.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva foi para o Brasil com sete anos de idade. Em 1770 obtém o diploma de boticário, tendo ficado fascinado pela botânica e em particular pela flora brasileira. Dois anos depois, Henriques de Paiva vem para Portugal. Vai para Coimbra para tirar o curso de medicina na Universidade que entretanto havia sofrido a reforma considerada a mais marcante de toda a sua história⁵ — a reforma pombalina — que instituiu os estudos experimentais, fundou

² Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora", *art. cit.*, p. 44.

³ O presente estudo retoma as pesquisas elaboradas pelo autor sobre Manuel Joaquim Henriques de Paiva e do qual resultaram publicações como "Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a publicação do *Preservativo das Bexigas*", *Cadernos de Cultura. A Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI*, 16, 2002, pp. 45-51. Esta publicação serviu de base ao presente artigo, depois de corrigido e acrescentado em alguns dos seus pontos.

⁴ Sobre a passagem de Manuel Joaquim Henriques de Paiva pela Universidade de Coimbra veja-se o seu processo de professor existente no Arquivo da Universidade de Coimbra — PAIVA, Doutor Manuel Joaquim Henriques de. IV-1ºD-7-5-197.

⁵ Sobre a reforma pombalina da Universidade de Coimbra e a fundação do ensino experimental da Universidade é oportuna a consulta, entre outros, dos trabalhos seguintes: Joaquim Ferreira Gomes, *A reforma pombalina da Universidade (Nótula comemorativa)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1972; Joaquim Ferreira Gomes, "Pombal e a reforma da Universidade". In: *Como interpretar Pombal? No bicentenário da sua morte*, Lisboa, Edições Brotéria, 1983, pp. 235-251; Maria Eduarda Cruzeiro, "A ' Reforma Pombalina ' da História da Universidade, *Análise Social*, 24 (100) 1988, pp. 165-210; Manuel A. C. Prata, "Algumas notas sobre a produção científica na Faculdade de Filosofia(1772-1820)", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 12, 1990, pp. 73-87; Manuel A.C. Prata, *Ciência e Sociedade. A Faculdade de Filosofia no período pombalino e pós-*

duas novas Faculdades e diversos estabelecimentos devotados ao ensino e investigação das ciências experimentais⁶.

Estava há pouco tempo na cidade de Coimbra e a sua enorme capacidade de iniciativa fez-se logo sentir. No bairro onde residia — Celas — fundou a *Sociedade de Celas* ou *Sociedade dos Mancebos Patriotas*, que Henriques de Paiva juntamente com alguns colegas pretendiam que fosse uma Sociedade científica. Os seus principais objectivos eram a divulgação da ciência, de novos métodos científicos, de novas doutrinas, etc. Tal como já tivemos oportunidade de referir, aquela sociedade tinha como objectivo "difundir junto do mais vasto público possível a mentalidade científica que começava a impor-se e a rivalizar com a mentalidade religiosa, teológica e metafísica do passado"⁷. Esta marca divulgadora da ciência e muito em particular da medicina, marcou toda a obra de Henriques de Paiva.

Em 1775, obteve o grau de bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, grau académico obrigatório para ingresso nos estudos médicos. Em 1781 formou-se em medicina. Entre 1773 e 1777 Henriques de Paiva foi demonstrador de química e de história natural na Faculdade de Filosofia. As suas tarefas eram auxiliar nas aulas práticas os lentes (professores das disciplinas) muitas vezes realizando as experiências necessárias. Contudo, algumas divergências para com as autoridades académicas universitárias levaram a que Henriques de Paiva abandonasse o cargo. Em 1777 vai para Lisboa e aqui fixa residência. Ainda neste ano mas, sobretudo no ano seguinte, mesmo sem ter completado o curso médico, iniciou o exercício da medicina em Lisboa e arredores — na Caparica.

Henriques de Paiva ocupou diversos cargos na administração sanitária portuguesa. Foi médico da Casa Real; encarregado da administração do armazém e da botica da Marinha Real; deputado da Real Junta do Protomedicato; nomeado professor da cadeira de farmácia criada em Lisboa em 1801⁸. Era membro da Academia Real das Ciências de Lisboa⁹. Em Lisboa desenvolveu muita actividade científica, de divulgador e actividade clínica. Henriques de Paiva teve igualmente

pombalino (1772-1820), Coimbra, Tese de mestrado, 1989; Manuel Augusto Rodrigues, "Alguns aspectos da reforma pombalina da Universidade de Coimbra - 1772 ". In: *Pombal revisitado*, vol. 1, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, pp. 209-223. Rómulo de Carvalho, "As ciências exactas no tempo de Pombal". In: *Como interpretar Pombal? No bicentenário da sua morte*, Lisboa, Edições Brotéria, 1983, pp. 215-232.

⁶ Sobre a reforma pombalina dos estudos médicos veja-se: João Rui Pita, *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)*, Coimbra, Livraria Minerva, 1996.

⁷ Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora", *art. cit.*, p. 45.

⁸ Cadeira dependente da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra.

⁹ Innocencio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 12, refere que Henriques de Paiva abandonou a Academia Real das Ciências de Lisboa em 1787, "instigado de desconsiderações que julgou praticadas a seu respeito por esta corporação".

significativo protagonismo político. Foi Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, Censor Régio da Mesa do Desembargo do Paço. Contudo, as relações que manteve com os franceses aquando das invasões, aliadas às suas ideias liberais e maçónicas fizeram com que Henriques de Paiva deixasse Portugal e a retirada para o Brasil, em 1809, perdendo direito aos títulos, honras e cargos que recebera, o que veio a recuperar em 1818. O seu papel foi de autêntico elemento de ligação da medicina luso-brasileira¹⁰. No Brasil Henriques de Paiva teve uma acção directa no movimento da independência. Faleceu a 10 de Março de 1829¹¹.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva: um produtivo autor, tradutor e divulgador científico

É muito vasta a obra escrita de Manuel Joaquim Henriques de Paiva. No seu enorme conjunto de obras que publicou encontramos algumas de sua autoria e outras das quais foi tradutor. Adaptou obras estrangeiras para Portugal, muitas vezes acrescentando algumas partes originais. São várias dezenas os seus trabalhos publicados, desde obras menos volumosas a trabalhos de maior dimensão. Não se limitou, contudo, aos livros. Teve significativo papel editorial em publicações periódicas como, por exemplo, pode ser demonstrado a partir de 1788 quando foi redactor do *Jornal Encyclopedico*.

Traduziu e adaptou obras de história natural de autores como Scopoli, Lineu e Brisson. Por exemplo refiram-se a *Divisão methodica dos animaes mammaes, conforme a distribuição de Scopoli* (1786), a *Divisão methodica dos quadrupedes, conforme o methodo de mr. Brisson* (1786), a *Divisão methodica das aves, conforme o methodo de Scopoli* (1786), os *Fundamentos botanicos de Carlos Linneo* (1807).

No domínio da química, assinala-se, por exemplo, a publicação por Manuel Joaquim Henriques de Paiva da *Philosophia Chimica, ou verdades fundamentais da*

¹⁰ Veja-se o que é dito a este propósito por Maria Renilda Barreto na sua tese de doutoramento intitulada *A medicina luso-brasileira: instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808-1851)*, Rio de Janeiro, Casa Oswaldo Cruz, 2005.

¹¹ Innocencio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 13 indica que havia dúvidas quanto ao ano de falecimento de Henriques de Paiva, apontando como data provável 1819. No tomo XVI da mesma obra (9º Suplemento), datado de 1893, afirma como data de falecimento 10 de Março de 1829. Sobre Manuel Joaquim Henriques de Paiva vejam-se: J. Lopes Dias, "Manuel Joaquim Henriques de Paiva, médico e polígrafo luso brasileiro", *Imprensa Médica*, 18(3)1954, pp. 145-171; O. Carneiro Giffoni, *Presença de Manoel Joaquim Henriques de Paiva na Medicina Luso-Brasileira do século XVIII*, São Paulo, 1954; M. Costa Roque, *Manuel Joaquim Henriques de Paiva, estudante coimbrão*, Sep. "Arquivo de Bibliografia Portuguesa" 115(59-60), Coimbra, 1969; Carlos A.L. Filgueiras, "The mishaps of peripheral science: the life and work of Manoel Joaquim Henriques de Paiva, Luso-Brazilian chemist and physician of the late eighteenth century", *Ambix*, 39(2) 1992, pp. 75-90. Recentemente sublinhe-se tese de doutoramento de Renilda Barreto,

chimica moderna, dispostos na nova ordem por A. F. Fourcroy (1801; 1816); da obra de sua autoria Memoria Chimico-Agronomica (1787), etc.

Entre os textos médicos e farmacêuticos podemos distinguir três grandes grupos: as suas obras originais, traduções e, ainda, a edição de obras de autores estrangeiros muitas das quais aumentadas e adaptadas. Podem assinalar-se, por exemplo, os *Elementos de Chimica e Pharmacia* (1783; 1786), a *Farmacopéa Lisbonense* (1785; 1802), *Memorias de Historia Natural, de Chimica, Agricultura, Artes e Medicina* (1790), *Pharmacopeia Collegii Regalis Medicorum Londinensis* (1791), *Curso de Medicina Theorica e Pratica, destinado para os Cirurgiões que andam embarcados, ou que não estudaram nas Universidades* (1792), *Instituições ou Elementos de pharmacial* (1792), *Exposição sobre os meios chimicos de purificar o ar das embarcações* (1798), *Reflexões sobre a comunicação das enfermidades contagiosas por mar* (1803), *Bosquejo de Physiologia, ou sciencia dos phenomenos do corpo humano no estado de saude* (1803), *Pharmacopea Naval* (1807), *Memoria sobre a excellencia, virtudes e uso medicinal da verdadeira agua de Inglaterra da invenção do doutor Jacob de Castro Sarmiento, actualmente preparada por José Joaquim de Castro* (1815).

Foi relevante o papel de Henriques de Paiva como divulgador científico, em particular da medicina. Ficam muito claros os seus objectivos ao divulgar obras médicas se tivernos em atenção, por exemplo, a tradução que fez da *Medicina Domestica* (1787) de Guilherme Buchan. Escreveu Henriques de Paiva: “tendo a Medicina por objecto dois importantísimos fins, que são a conservação, e restabelecimento da saúde dos homens, parece que se há alguma Ciência ou Arte, que deva ser popular, é sem dúvida esta [a medicina]”. Manuel Joaquim Henriques de Paiva era médico e estava consciente dos problemas inerentes à medicina e aos cuidados que se devem ter para o seu exercício. Henriques de Paiva não queria popularizar a medicina no sentido de a tornar acessível na prática a qualquer pessoa, como se qualquer um, sem formação, a pudesse exercer e praticar. O que Henriques de Paiva pretendia com os seus textos, muito em particular com a *Medicina Domestica* era uma difusão dos assuntos médicos entre a população de modo a que ela ficasse esclarecida sobre o seu corpo, a sua saúde, o tratamento da doença e, em particular, a prevenção da doença, um aspecto característico do iluminismo médico¹². Foi com estas preocupações que Manuel Joaquim Henriques de Paiva traduziu e adaptou várias outras obras, algumas delas de renome internacional¹³. É o caso, por exemplo, da famosa obra de André Tissot, *Aviso ao Povo Acerca da sua Saude*, livro de enorme divulgação na Europa nos finais do século XVIII. Com os mesmos objectivos pedagógicos fez a tradução e a adaptação

¹² Cf. sobre este assunto Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Liturgia higienista no século XIX. Pistas para um estudo", *Revista de História das Ideias*, 15, 1993, pp. 437-559.

¹³ Sobre a vulgarização das práticas médicas por parte de Henriques de Paiva veja-se, também, António Lourenço Marques, "Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a literatura médica dos pobres. A dor nos finais do Antigo Regime", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX — Cadernos de Cultura*, 6, 1993, pp. 7-10.

da referida *Medicina Domestica* (1787) de Buchan, obra que teve várias edições. Trabalhou do mesmo modo sobre algumas obras de Weikard como, por exemplo, a *Chave da Pratica Medico-Browniana* (1800) e *Prospecto de hum Systema Simplicissimode Medicina* (1816). Também se debruçou sobre obras de Plenck como, por exemplo, *Methodo novo e facil de applicar o mercurio nas enfermidades venereas, com uma hypothese nova da acção do mesmo mercurio nas vias salivares* (1785), *Instituições de Cirurgia Theorica e Practica* (1786; 1804), *Doutrina das enfermidades venereas* (1786; 1805). Entre outras traduções refiram-se, por exemplo, *Methodo de restituir a vida ás pessoas aparentemente mortas, por affogamento ou suffocação: recommendado pela Sociedade Humana de Londres* (1790), etc.

Também são merecedoras de registo a publicação de *Aviso ao Povo sobre as asphyxias ou malles apparentes...*(1786), *Aviso ao Povo, ou signaes e symptomas das pessoas envenenadas com venenos corrosivos, como seneca, solimão, verdete, cobre chumbo, etc...* (1787), *Aviso ao Povo, ou summario dos preceitos mais importantes concernentes é creação das creanças...* (1787), *Methodo seguro e facil de curar o gallico, composto por J.J. Gardane* (1791), etc.

O Preservativo das Bexigas (1801)

Em 1801, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, por "Ordem e Mandado do Principe Regente" publicou a obra *Preservativo das Bexigas e dos Terriveis estragos ou Historia da Origem e Descobrimto da Vaccina, dos seus Effeitos ou Symptomas, e do Methodo de Fazer a Vaccinação &c..* Trata-se de uma pequena brochura, em 46 páginas, editada em Lisboa e impressa por João Procopio Correia da Silva. Tudo parece indicar que se trata da primeira obra redigida por um português a divulgar a vacinação jenneriana em Portugal embora o próprio Jenner tenha sido traduzido entre nós em 1803¹⁴. Tal como acontecera noutras obras de divulgação, Henriques de Paiva não pretendia fazer substituir o médico na resolução dos problemas de saúde. Pretendia alertar a população para o grave problema de saúde e de sensibilizar essa mesma população para aderir a um processo garantido e inovador de atalhar uma grave doença — a varíola.

A obra é dedicada ao Príncipe Regente sendo longa a dedicatória. Henriques de Paiva agradece a distinção de ter sido escolhido para divulgar através de um livro a vacinação em Portugal dizendo que o processo do médico britânico Edward Jenner "possui a singularíssima virtude de preservar para sempre do terrível mal das bexigas, contágio o mais destruidor do género humano, e que leva à sepultura maior número de infelizes que a peste, assaltando a vida do homem em

¹⁴ Cf. Hernâni Barrosa, "A vacina em Portugal (A propósito do Centenário de Jenner)", *Archivos de História da Medicina Portuguesa*, 14, 1923, pp. 33-54. O mesmo autor refere que o *Preservativo das Bexigas* teve nova edição em 1806.

todas as suas idades, mormente na infância, tempo em que rouba milhares e milhares de meninos, que poderiam ainda vir a ser utilíssimos à sociedade"¹⁵. Henriques de Paiva diz que ainda não estava totalmente inteirado da técnica Jenneriana como seria desejável estar através da sua experiência prática. Mas que para a execução da obra se fez valer de algumas obras estrangeiras que falam do assunto. Henriques de Paiva refere que os objectivos que presidiram à execução do *Preservativo das Bexigas* foram noticiar a descoberta da varíola das vacas e dos seus sintomas e efeitos no organismo humano; abordar as vantagens da doença no organismo humano contra a varíola humana.

Ao público Henriques de Paiva também dirige directamente umas palavras sobre o objectivo do livro. Diz que os benefícios da vacinação já foram comprovados e difundidos em países como a Inglaterra, a Suíça, a França, a Alemanha, a Itália e a Espanha e que em Portugal se começavam a dar os primeiros passos no assunto. Para isso serviu-se do que foi dito por alguns outros autores estrangeiros como Hernandez, Pearson, Woodeville, Anderson, Keate, Decarro, Aubert, Jadelot e Piquillen, sublinhando, também o papel do seu filho médico João Henriques de Paiva.

A obra está dividida em 13 capítulos, designados por artigos, e é ilustrada com algumas gravuras, para além da introdução e dos respectivos índices: capítulo I *Da Origem e Descobrimto da Vaccina*; capítulo II, *Das propriedades do humor vaccino*; capítulo III, *Invenção e Progressos da Vaccina*; capítulo IV, *Da Segurança innocente da vacinação*; capítulo V, *Descrição dos efeitos ou symptomas da vaccina e do seu curso no homem*; capítulo VI, *Variedades que se costumam observar na vaccina*; capítulo VII, *Distinção da vaccina falsa e verdadeira*; capítulo VIII, *Methodo de fazer a vacinação, ou modo de vaccinar*; capítulo IX, *Qualidades do humor vaccino, sua escolha, tempo e modo de apanhallo*; capítulo X, *O que se deve fazer no curso da enfermidade*; capítulo XI, *Methodo seguro de conservar o humor vaccino e mandallo para fóra*; capítulo XII, *Modo de usar do humor vaccino conservado nos vidros*; capítulo XIII, *Mostra-se a preferencia da vacinação*.

No primeiro capítulo Henriques de Paiva dá conta do modo como Jenner se apercebeu da possibilidade de se introduzir na medicina uma técnica que preservasse o organismo humano contra a varíola. Assim ele relata que Jenner se apercebeu que a doença de que as vacas padeciam *cow-pox*, também designadas por *bexigas vaccuns* ou das vacas, era uma doença benigna quando contaminada ao homem e de que os que ordenhavam as vacas padeciam muitas vezes. Também refere que todos os que eram contaminados com esta varíola das vacas ficavam imunes à varíola humana. E Jenner colocou a questão de saber se a varíola das vacas protegia o homem da varíola humana. É este assunto que Manuel Joaquim Henriques de Paiva, de modo pedagógico, expõe na sua obra.

¹⁵ Manuel Joaquim Henriques de Paiva, *Preservativo das bexigas e dos seus Terríveis Estragos ou Historia da Origem e Descobrimto da Vaccina*, Lisboa, Na Offic. Ptar. de João Procopio Correa da Silva, 1801, s.n..

Assim, começa por introduzir o leitor na terminologia apropriada. Refere que *cow-pox* são as bexigas das vacas; refere que *vaccina* é o "vocábulo derivado de *vaccinus*", ou seja, "coisa pertencente a vaca, ao seu humor *vaccino*"; diz que sua aplicação é o acto de *vacinar* ou *vacinação* e a pessoa a quem se aplicou a vacinação apelida-se de *vacinado*. No artigo II distingue *humor vaccino* que se caracteriza por ser *líquido, contagioso e preservativo das bexigas ordinárias*, ou seja, preservativo da varíola humana, "pois que a sincera observação dos mesmos aldeões advertido que havendo epidemias daquelas [de varíola] nas suas aldeias, não insultava nem se pegava às pessoas que tinham padecido a *vacina*, ainda que nunca as houvessem tido"¹⁶.

Henriques de Paiva dá conta de que Jenner se apercebeu, justamente, desta *virtude preservativa* da *vacina* e que, por isso, "resolveu *vaccinar* os homens, comunicando-lhes por este meio artificial o dito humor"¹⁷. Henriques de Paiva faz sublinhar o valor da vacinação e a sua expansão pelo mundo, referindo que este processo se revelava de grandes êxitos pois as pessoas que ficavam afectadas com a varíola das vacas não contraíam a varíola humana, sendo o processo absolutamente seguro, como faz questão de sublinhar no capítulo III, dizendo que o processo é "inocente"¹⁸. Assim, estavam reunidas as condições para que a *vacinação* ou *enxertia da vacina preserva para sempre das bexigas*¹⁹. Henriques de Paiva salienta na obra as condições de segurança de aplicação da vacinação apontando quatro grandes razões: em primeiro lugar refere que a vacinação não exigia cuidados especiais de preparação, "não requer preparação alguma, nem cuidado muito particular, ou remédio algum, antes, depois, ou durante seu curso"²⁰; em segundo lugar diz que o processo se podia aplicar em qualquer idade, mesmo desde os dois meses; em terceiro lugar, sublinha que a vacinação não era propagável a outras pessoas enquanto doença; finalmente, menciona que a vacinação não é um processo doloroso; em quinto lugar diz que qualquer pessoa pode aplicar a vacina: pais, mães e amas de leite, devendo haver apenas atenção especial "ao modo de fazer as picaduras para a *vacinação*"²¹; por último, faz salientar que o processo da vacinação é muito seguro não sendo acompanhada de qualquer "dano" ou "acidente grave"²². Contudo, recomenda, igualmente, que a aplicação da vacina devia ser feita em pessoas saudáveis, dizendo mesmo "que o

¹⁶ Idem, *Ibidem*, pp. 4-5.

¹⁷ Idem, *Ibidem*, p. 5.

¹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 7.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 6.

²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 7.

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 9.

²² Idem, *Ibidem*, p. 9.

que se há-de vacinar esteja são e livre de outra enfermidade"²³, embora exponha, também, as teorias contrárias a esta posição provenientes de outros médicos reputados como, por exemplo, Pedro Hernandez.

Henriques de Paiva é minucioso e pedagógico ao abordar a questão da aplicação da vacina ou vacinação que define como "a operação mediante a qual se introduz no corpo humano o humor vacino, de maneira que dela resulte a *vacina*"²⁴. Para tal era necessário um objecto cortante que podia ser a ponta de um canivete ou uma agulha. Depois era necessário escolher no corpo humano a parte onde se iria fazer a aplicação da vacina e que deveria ser uma zona que ande "sempre coberta e abrigada"²⁵, recomendando-se a "parte média e interna do braço"²⁶. Descreve a técnica de aplicação sub-cutânea do *humor vacino* fazendo referência ao ângulo que a agulha deveria ter com a pele, ao tipo de incisão a fazer, ao número de repetições e de aplicações do processo, etc. Mas Henriques de Paiva estava também consciente de que não bastava uma correcta aplicação da vacina para se conseguirem os resultados previstos. Era fundamental que o *humor vacino* estivesse nas melhores condições, isto é, "cumpre saber-se conhecer o tempo em que ele possui aquele grau de perfeição e madureza própria e eficaz para comunicar e produzir a *vacina*"²⁷. Assim sendo, e estando Henriques de Paiva consciente deste problema, alerta a população para as adequadas condições de recolha do *humor vacínico*, sublinhando que tanto era *preservativo das bexigas* o que era retirado directamente das vacas como o que era retirado de pessoas vacinadas. Para Henriques de Paiva havia a consciência que era fundamental que inicialmente ele se tenha produzido nas vacas, embora reconhecesse que a vacinação realizada com o *humor* proveniente directamente das vacas ocasionava uma reacção mais forte do que o outro humor. Para Henriques de Paiva eram decisivas as observações que podiam ser feitas na pele para avaliar nos dias seguintes à vacinação se a *vacina* está ou não declarada, ou seja, se houve ou não êxito na aplicação da vacinação. Por isso distingue *verdadeira vacina* de *vacina falsa*.

Quase a terminar a obra, justamente nos capítulos XI e XII, Henriques de Paiva dedica-se ao problema da conservação do *humor vacino*. Muito esquematicamente diz que o *humor vacino* se pode conservar de três maneiras diferentes: em "fios de seda"; "em chapinha de ferro póido, ou na ponta de uma lanceta"; finalmente, "em vidro". Refere as vantagens e os inconvenientes de cada processo, indicando como o mais seguro e eficaz o da conservação em vidro e selagem com cera, sendo conservado entre dois vidros, o que dava garantias de

²³ Idem, *Ibidem*, p. 30.

²⁴ Idem, *Ibidem*, p. 18.

²⁵ Idem, *Ibidem*, p. 21.

²⁶ Idem, *Ibidem*, p. 21.

²⁷ Idem, *Ibidem*, pp. 24-25.

conservação e facilidades de transporte e, ainda, facilidade de remoção para posterior aplicação.

O último capítulo da obra intitulado *Mostra-se a preferencia da vacinação* é, em resumo, uma balanço geral do que foi exposto. Henriques de Paiva salienta as vantagens da aplicação da vacinação no combate à varíola e defende vivamente a sua aplicação. Contudo refere que apesar dos resultados terem sido bem visíveis e com as vantagens que são conhecidas por todos, algumas vezes se levantavam dizendo que o número de observações de casos vacinados ainda não era suficiente; que não se devia propagar uma doença animal no homem; que já havia uma morte devido à vacinação.

Henriques de Paiva estava consciente dos benefícios da vacinação e dos caminhos que era necessário prosseguir no sentido de sensibilizar a população e educar sanitariamente o povo. Por isso, desafiava os médicos a publicarem as suas observações e sensibilizava a população a aderir à vacinação estando ele certo que "não os perseguirá a mágoa e os remorsos e a Posteridade os cobrirá de bençãos, como a seus generosos benfeitores"²⁸.

A inoculação jenneriana, a introdução de produtos animais no organismo humano, neste caso de gado bovino, e a eficácia real da vacinação gerou alguma polémica em Portugal²⁹. É digno de registo o que foi dito pelo delegado da Universidade de Coimbra. Heleodoro J. A. Carneiro que foi encarregado de estudar a descoberta de Edward Jenner³⁰. Carneiro colocou muitas reservas ao método preventivo de Jenner e "assim, aproximava-se mais dos fantasmas do senso comum do que do espírito de inovação científica"³¹ tal como veio acontecendo noutros países europeus³². Mas, dois pontos foram decisivos para a afirmação e difusão da vacinação jenneriana pelo mundo: o facto de ser uma descoberta científica com resultados práticos imediatos e, ainda, o facto de ser uma descoberta que se veio a traduzir em resultados altamente benéficos e visíveis para a população e, assim, abriram-se as portas da medicina preventiva contemporânea em termos

²⁸ Idem, *Ibidem*, p. 41.

²⁹ Sobre a vacinação anti-variólica no Brasil veja-se: Tania Fernandes, "Vacina antivariólica: seu primeiro século no Brasil (da vacina jenneriana à animal)", *História. Ciências. Saúde — Manguinhos*, 6(1)1999, pp. 29-51.

³⁰ Cf. Heleodoro Jacinto de Araujo, *Reflexoens, e observaçoens sobre a pratica da inoculaçãõ da vaccina, e as suas funestas consequencias feitas em Inglaterra*, Londres, Mr. Cox, Filho, e Baylis, 1808.

³¹ Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora", *art. cit.*, p. 46.

³² Veja-se, por exemplo, o "Estudio Introductorio" à edição de *Tratado histórico y práctico de la vacuna de J.L. Moreau — Francisco Javier Balmis*, da autoria de Emili Balaguer i Perigüell, Valencia, Ivei, 1987, pp. IX-XXXIV. Sobre a medicina na época e o valor da vacinação jenneriana veja-se, por exemplo, o trabalho clássico mas sempre interessante Erwin H. Ackerknecht, "Medicina y sociedad en la ilustración". In: P. Lain Entralgo, *Historia Universal de la Medicina*, vol. 5, Barcelona, Salvat, 1984, pp. 143-151.

medicamentosos devendo ser considerado, sem dúvida, o contributo mais importante que o iluminismo médico transmitiu aos séculos seguintes.

Em 1806 foi publicada nova edição da obra. Editada igualmente em Lisboa, foi impressa por João Rodrigues Neves. Trata-se de uma edição praticamente igual à primeira com as gravuras que ilustram a obra de 1801, sendo a nota introdutória a mesma, o que nos dá um sinal inequívoco de que o livro editado em 1801 terá sido adquirido por muitas pessoas³³.

Conclusões

Manuel Joaquim Henriques de Paiva estava otimista em relação à vacinação de Jenner. Mas o seu optimismo não era cego ou pouco consciente. Sabia reconhecer os problemas que se colocavam à vacinação jenneriana: as suas vantagens os seus inconvenientes. Mas, por outro lado, estava também consciente de que a vacinação era o processo mais consistente para atalhar a progressão da varíola, um dos principais problemas de saúde pública em finais do século XVIII e nos primeiros anos do século XIX. Por isso, na sua dimensão divulgadora e dentro dos mais genuínos ideais do iluminismo médico, Henriques de Paiva redigiu o *Preservativo das Bexigas* consciente de que seria um valioso contributo para esclarecer a população sobre a técnica jenneriana. " 'Vacina' vem, justamente de *vaccina*, termo que deriva de *vaccinus* que pretende significar algo que pertence à vaca. Aplicar os fluidos animais da vaca traduz-se por 'vacinar' ou 'vacinação' e o que se sujeita à vacinação é o vacinado, conforme nos explica Henriques de Paiva fazendo eco da obra de Jenner"³⁴. De tal modo o processo foi inovador que, quase cem anos depois, o termo vacina foi mantido por Pasteur em homenagem a Jenner "apesar da distância conceptual, metodológica, técnica e teórica que separa o químico e bacteriologista Louis Pasteur daquele médico inglês"³⁵.

³³ Sobre a vacinação de Jenner vejam-se os estudos recentes publicados no número especial dedicado à história da vacinação da revista científica *Bulletin of the History of Medicine*, vol. 83, nº 1, 2009, onde encontramos artigos de Sanjoy Bhattacharya e Niels Brimnes; Andrea Rusnock; Michael J. Bennett; Catherine Mark e José G. Rigau-Pérez; Nikas Thode Jensen; Ann Jannetta; Cristiana Bastos; Lauren Minsky.

³⁴ Ana Leonor Pereira; João Rui Pita, "Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora", *art. cit.*, p. 46.

³⁵ Idem, *Ibidem*, p. 46.